

**Uma análise sociolinguística na revisão de textos: o uso de
pronomes demonstrativos em trabalhos acadêmicos da área do
Direito e da Odontologia**

**A sociolinguistic analysis in the revision of texts: the use of
demonstrative pronoun in academic work in the area
of law and dentistry**

Letícia Pena Silveira¹

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo descritivo-comparativo do uso que se faz dos pronomes demonstrativos em monografias das áreas do Direito e da Odontologia. É consensual entre os estudiosos, na área da linguística, que há grande diversidade entre a teoria e a aplicação desses pronomes. Por isso, este trabalho buscou descrever o uso que é feito desses itens linguísticos para refletir sobre o posicionamento que o profissional da Revisão de Texto deve seguir. Essa análise foi feita a partir de variáveis específicas, considerando-se a possibilidade de essa divergência ter caráter sociolinguístico. Segundo Labov ([1972] 2008), os aspectos externos podem interferir no uso que se faz da língua, por isso variáveis como nível de escolaridade (superior completo), faixa etária (25 a 35 anos) e área do conhecimento (Direito e Odontologia) foram consideradas. Analisaram-se monografias de seis graduados, três para cada área. Chegou-se à conclusão de que não há diferenças significativas quanto ao uso dos pronomes nas devidas áreas, corroborando o que Neves (2011) apresenta em sua gramática descritiva, de que se utilizam os três grupos de pronomes tanto para uso anafórico quanto catafórico. Tendo em vista o campo da Revisão de Texto, uma pesquisa mais completa e aprofundada desse aspecto no domínio da Sociolinguística poderia colaborar para a constatação de aspectos da identidade linguística de áreas do saber, facilitando, assim, o trabalho daquele profissional.

Palavras-chave: Estudo descritivo-comparativo. Pronomes demonstrativos. Revisão de Texto. Caráter sociolinguístico.

ABSTRACT

This article presents a descriptive-comparative study of the use of demonstrative pronouns in monographs in the areas of Law and Odontology. It is consensual among scholars in the area of linguistics that there is great diversity between the theory and the application of these pronouns. Therefore, this work sought to describe the use that is made of these linguistic items to reflect on the positioning that the Text Review Professional should follow. This analysis was made from specific variables, considering the possibility of this divergence to have sociolinguistic character. According to Labov ([1972] 2008), external aspects may interfere with the use of language, so variables such as level of schooling (upper level), age group (25 to 35 years) and area of knowledge (Law and Odontology). Monographs of six graduates were analyzed, three for each area. It was concluded that there are no significant differences regarding the use of pronouns in the proper areas, corroborating what Neves (2011) presents in his descriptive grammar, which uses the three groups of pronouns for both anaphoric and cataphoric use. Thus, in view of the field of Revision of Text, a more complete and in-depth research of this aspect in the field of Sociolinguistics could collaborate to the verification of aspects of the linguistic identity of areas of knowledge, thus facilitating the work of that professional.

Keywords: Descriptive-comparative study. Demonstrative pronouns. Text Review. Sociolinguistic character.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestranda em Linguística Aplicada pela UFMG e pós-graduanda em Revisão de Texto pela PUC MINAS. E-mail: leticiapenasilveira@hotmail.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os pronomes demonstrativos são um conteúdo gramatical alvo de diversos estudos no que se refere às suas regras de utilização no discurso. Câmara Jr. (2006), por exemplo, salienta que a distinção tricotômica existente entre os pronomes <este>, <esse> e <aquele> consiste apenas em uma questão convencional, uma vez que, na prática, o emprego diferenciado entre <este> e <esse> desaparece quando a função é anafórica, restando somente a dicotomia entre <este, esse> e <aquele>.

Essa divergência foi percebida no uso de falantes de língua portuguesa por muitos estudiosos da língua, mas também não há um consenso quanto à teorização desse conteúdo gramatical. Gramáticos como Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2006), por exemplo, se distanciam quanto à forma de estabelecer normas de uso das categorias demonstrativas dentro da classe dos pronomes. Enquanto os primeiros separam <este> de <esse>, o segundo afirma que os dois podem ter a mesma função no discurso quando se deseja retomar algo já dito.

É sabido que o uso dessas palavras é bastante produtivo para retomada e para antecipação na apresentação de ideias, o que é conhecido, no campo da coesão textual, como anáfora e catáfora, respectivamente. Nessa perspectiva, o estudo desse assunto torna-se imprescindível na área da Revisão de Texto, visto que um profissional desse domínio deve ter conhecimento dos pronomes para realizar uma revisão correta e bem-sucedida, a fim de tornar o texto revisado um produto em que as ideias do autor estejam claras e bem definidas.

Diante disso, pretende-se explorar, nesta pesquisa, o uso da classe morfológica dos pronomes, especificamente dos demonstrativos. Acredita-se que há preferência pelo uso dos pronomes demonstrativos *este, esta* e *isto* (e suas flexões e contrações com preposição) como anafóricos em detrimento dos pronomes *esse, essa* e *isso*. Tem-se como hipótese que a diversidade no uso desse pronome pode configurar-se como um indício de variação linguística. Por isso, optou-se por realizar uma pesquisa sociolinguística, sincrônica, para investigar, por meio da comparação das ocorrências em produções de determinados sujeitos, divididos por algumas variáveis, a tendência de uso dos escritores brasileiros em duas áreas, a do Direito e a da Odontologia. Dessa forma, será possível verificar, de forma simples, se há influências sociolinguísticas na escolha de uso desses elementos linguísticos. A partir dos resultados obtidos, objetiva-se também refletir sobre a necessidade ou não da normalização desse conteúdo gramatical.

Este artigo se organiza da seguinte forma: na próxima seção, encontra-se a fundamentação teórica utilizada para analisar as ocorrências encontradas. Essa parte se subdivide em uma revisão

da literatura em relação à norma quanto ao uso dos pronomes demonstrativos, quanto à descrição do item linguístico e, por fim, uma breve redação a respeito da Teoria Variacionista e Sociolinguística. Em seguida, foi apresentada a metodologia, em que se descrevem as variáveis selecionadas e a forma como a análise ocorreu. Na seção 4, tem-se a apresentação e a análise dos dados para as áreas do Direito e da Odontologia, além da comparação das duas à luz da teoria Sociolinguística. No segmento 5, por sua vez, foi salientada a contribuição da pesquisa para a área da Revisão de Texto. Por fim, encontram-se as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A norma e os pronomes demonstrativos

Rocha Lima (2011, p. 159,160) define os pronomes demonstrativos como “palavras que assinalam a posição dos objetos designados, relativamente às pessoas do discurso”, trazendo como exemplos os sintagmas “esta cadeira” (para perto do falante) e “essa cadeira” (para perto do ouvinte). Ele salienta também que há pronomes demonstrativos de natureza adverbial, como *aqui*, *aí*, *lá*, *ali* e *acolá* que auxiliam na ideia de posição no discurso². Nesse sentido, o autor apresenta a tabela a seguir:

Eu – meu – este, isto – aqui	1ª pessoa
Tu – teu – esse, isto – aí	2ª pessoa
Ele – seu- aquele, aquilo, ali, aí	3ª pessoa

Trazendo todos os pronomes demonstrativos, o gramático expõe:

Este, esta, estes, estas
Esse, essa, esses, essas
Aquele, aquela, aqueles, aquelas
Mesmo, mesma, mesmos, mesmas
Próprio, própria, próprios, próprias
Tal, tais

² A referência no tempo dada pelo autor não será mencionada aqui visto o objetivo do artigo.

Semelhante, semelhantes
Isto, isso, aquilo
O, a, os, as

Quanto ao uso, Rocha Lima afirma que não há muito rigor da distinção de <este> e <esse> devido à predominância dos valores estilísticos sobre os gramaticais. Além disso, ele traz a referência ao aspecto anafórico do pronome de forma breve e, não delimitando o uso de cada um dos pronomes, afirma: “referem-se ao que ainda vai ser enunciado, bem como ao que já foi mencionado no texto: ‘Só lhe saiu este pequeno verso:/ mudaria o natal, ou mudei eu?’ (ROCHA LIMA, 2011, p. 160).

Já Bechara (2006, p.189), em relação a tal uso, declara que “no discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega este (e flexões)”. Para o gramático, a forma <esse> só será usada se a referência for feita às palavras da pessoa com quem se fala ou quando for expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer salientar alguma característica. Nesses casos, costuma-se repetir o nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação ou característica) acompanhado do demonstrativo de segunda pessoa.

Cunha (1986, p.323-4) estabelece as seguintes características gerais para os pronomes demonstrativos:

1) Este, esta e isto indicam:

- a) o que está perto da pessoa que fala;
- b) o tempo presente em relação à pessoa que fala.

2) Esse, essa e isso indicam:

- a) o que está perto da pessoa a quem se fala;
- b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala;

3) Aquele, aquela e aquilo denotam:

- a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala;
- b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota.

Além dessas características gerais, Cunha (*ibidem*, p.325-6) apresenta alguns “empregos particulares” dos pronomes demonstrativos:

1. Este/ esta/ isto – usados para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou vamos dizer; (Ex.: O que eu quero é isto: ser rica³)
2. Esse/ essa/ isso – usados – tal como este/ esta/ isto – para aludir ao que mencionamos ou para referirmos ao que foi dito por nosso interlocutor; (Ex.: Ser rica. Isso é o que eu quero⁴)
3. Nisto – usa-se no sentido de “então”, “nesse sentido”;
4. Além disso/ isto é/ isto de/ por isso (raramente por isto) / nem por isso – usados como expressões que se tornaram fixas, devido ao uso.

O gramático destaca também que, quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, usamos “aquele” para o que foi referido em primeiro lugar e, “este” para o que foi nomeado por último:

5. Caio e Mariana foram viajar. Esta foi para Bahia e aquele para o Rio de Janeiro.

2.2 Gramática descritiva e os pronomes demonstrativos

Neves (2011, p. 491) declara que os pronomes demonstrativos são palavras fóricas, isto é, “sempre fazem referenciação”, seja ao contexto – endofórico – (1) ou à situação do discurso – exofórico – (2), como mostram os exemplos⁵:

- (1) “Quando me davam um **texto**, eu já sabia como ia fazê-lo. Aí, **aquele texto** não me interessava.” (NEVES, 2011, p. 491).
- (2) “Eu lhe agradeço a presença **nesta** mesa, **nesta** ceia” (NEVES, 2011, p. 491).

Quanto aos usos endofóricos, a autora acrescenta que há o uso anafórico, para algo que já foi referido no texto, e traz como exemplo, entre outros, as sentenças (3), (4) e (5), em que aparecem os pronomes <estas>, <isso> e <aquele> com a mesma função:

- (3) “é a reunião de coisas boas... Entre **estas** coisas boas está...” (NEVES, 2011, p. 495).
- (4) “o que há de terrível, nela, é que não quer ser, apenas, o que a vida fez dela: uma mulher fácil, uma “amante” que a gente escolhe, usa, abusa, larga. **Isso** é muito pouco! (NEVES, 2011, p. 496).

³ Exemplo nosso.

⁴ Exemplo nosso.

⁵ Exemplos retirados de Neves (2011).

(5) “O que mata Esther é o contexto do cacau. Morre sufocada com as coisas que **aquele** mundo exige das pessoas” (NEVES, 2011, p. 496).

Quanto ao uso catafórico, aquilo que ainda será referido no texto, a autora ilustra com exemplos em que também aparece os três tipos de pronomes exercendo o mesmo papel.

(6) “O prefeito pigarreou, repetiu **estas** palavras: ‘local condigno...’” (NEVES, 2011, p. 497).

(7) “Agora estou trabalhando **nesse** (sambinha): o Samba da Carne-Seca.” (NEVES, 2011, p. 497).

(8) “E também ele traduzirá **aquilo** que ouviu, **aquilo** que constatou, **aquilo** que pensa, em palavras.” (NEVES, 2011, p. 491).

2.3 A Sociolinguística Variacionista

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística, de Labov ([1972] 2008)⁶, obra fundante da Sociolinguística, trata de um estudo do uso da língua no sentido de verificar o que esta revela sobre a própria estrutura (*langue*). Ao entrevistar pessoas e gravar suas falas, Labov percebeu que a fala cotidiana envolvia muita variação linguística, algo que a teoria padrão não estava preparada para lidar. Com o interesse inicial em variação fonológica, ele investigou, 1963, em Martha’s Vineyard, a variação na pronúncia dos ditongos /au/ e /ai/. Sua pesquisa teve como metodologia a entrevista, da forma mais natural possível, de 69 pessoas, cada uma de diferente faixa etária, local de residência (na parte alta ou baixa da ilha), grupo étnico e social para obter uma amostra representativa.

Seus resultados mostraram que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ estava atrelada à estratificação social dos informantes, muito mais do que aos fatores linguísticos. As explicações encontradas não estavam na estrutura da língua, não havia quase nada no contexto linguístico que condicionava um falante a pronunciar de uma maneira ou de outra os ditongos pesquisados. As explicações estavam fora da língua, no contexto social dos informantes da pesquisa. Como resultado, o teórico descobriu que a pronúncia de certos sons vogais na fala dos informantes locais estava sutilmente mudando da pronúncia americana padrão, o que deu início aos estudos variacionistas.

Labov ([1972] 2008), em sua teoria, afirma que a variação linguística é inerente ao sistema da língua, havendo, nesse sentido, condicionantes linguísticos e sociais que a regerão. Além disso,

⁶ In SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. Tabuleiro de Letras. Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade do Estado da Bahia. Jun. 2002.

salienta que motivações internas e externas podem se confrontar, o que resulta na explicação de que os fatos linguísticos variáveis podem estar fora do sistema linguístico. Nessa perspectiva, ele se propõe a correlacionar os padrões linguísticos variáveis a diferenças paralelas na estrutura social em que os falantes estão inseridos. É aqui que se encontram as variáveis extralinguísticas, como classe social, nível de escolaridade, gênero, faixa etária, região geográfica, entre outras.

Nesse campo de estudo, há uma conjunção entre sincronia e diacronia, o que possibilita que o enfoque dado não seja a mudanças repentinas ou etapas estáticas. Caso se tenha comprovada a existência de uma variação no aspecto sincrônico, há a possibilidade de se voltar no passado para analisar como se davam os usos no passado. Isso pode ser utilizado para observar ou não a doutrina do *uniformitarismo* de Labov ([1972] 2008), em que alguns mecanismos que operam para produzir mudanças no passado podem estar operando sobre mudanças correntes.

Outro aspecto importante a se salientar sobre os estudos Sociolinguísticos diz respeito à natureza empírica da metodologia. Os dados utilizados para a pesquisa devem ser reais, produzidos por falantes reais, em situações reais de uso, para que os fenômenos estudados possam ser identificados de forma a definir a identidade linguística de cada falante.

De acordo com Coan e Freitag (2010, p. 175), a língua é vista pelos sociolinguistas como possuidora de “heterogeneidade sistemática”, o que favorece a identificação de grupos e a demarcação de diferenças sociais na comunidade. Nesse sentido, essa heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua, pelo contrário, uma vez que um sistema homogêneo e invariável é que seria disfuncional em uma comunidade de fala culturalmente diversificada. Por fim, é importante salientar que, nessa perspectiva, a variação é a própria atualização, em cada momento que se considere a língua, dos processos de mudança em curso no seu dever histórico.

3 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram coletadas seis monografias de duas áreas distintas, três do Direito e três da Odontologia. Todos os trabalhos escolhidos foram considerados em sua versão inicial, anterior à revisão, uma vez que, dessa forma, tem-se a escrita genuína do autor, o que pode colaborar para a afirmação de uma possível identidade linguística da área de estudo. Visto o caráter sociolinguístico da pesquisa, como requisitos para a seleção dos trabalhos, elencaram-se as seguintes variáveis extralinguísticas:

- Nível de escolaridade: todos os trabalhos selecionados foram apresentados como conclusão de graduação;

- Faixa etária: todos os sujeitos-autores da pesquisa tinham entre 25 e 35 anos quando escreveram o trabalho;
- Área do conhecimento: foram selecionadas duas áreas distintas do conhecimento, a de ciências humanas (Direito) e a de ciências biológicas (Odontologia).

Em cada trabalho obtido, foram destacadas todas as ocorrências dos pronomes, que foram divididas de acordo com as categorias da gramática tradicional quanto às pessoas do discurso e às flexões. Em seguida, verificou-se se o uso pretendido em cada circunstância é anafórico ou catafórico para, posteriormente, julgar a adequação de acordo com as gramáticas normativas ou com a abordagem descritiva, aqui abordadas. Após a separação de todos esses dados, foi feita a contagem dos usos anafórico e a dos usos catafóricos de cada categoria do pronome, com o objetivo de examinar se há diferenças quanto às variáveis sociolinguísticas selecionadas e, conseqüentemente, verificar a hipótese levantada neste trabalho, a saber, a de que o pronome “este” está englobando lugares antes tipicamente preenchidos pela forma “esse”.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Ocorrências dos pronomes nos trabalhos da área do Direito

A Tabela 1 a seguir exibe a exemplificação das ocorrências dos pronomes demonstrativos que foram pesquisados e achados ou não, juntamente com a soma das ocorrências de cada pronome nos três trabalhos⁷.

Tabela 1: Separação dos dados quanto ao tipo do pronome no *corpus* total analisado

Pronome (flexões e contrações)	Exemplo da ocorrência ⁸	Total de ocorrências nos três trabalhos
Esse	“(…) o questionamento sobre o que é a Litigância de Má-Fé. E como esse fenômeno vem ocorrendo na Justiça do Trabalho (…)”. (1)	56 ocorrências
Essa	“A verba que envolve a litigância de má-fé na justiça do trabalho (…) podemos dizer que essa verba tem natureza indenizatória.” (1)	25 ocorrências

⁷ O total de caracteres equivalente aos três trabalhos foi 169.506, sendo o trabalho (1) composto por 56.642 caracteres; o (2), por 48.977; e o (3), por 63.887.

⁸ Os números trazidos entre parênteses dizem respeito aos trabalhos, sendo (1) Direito/ FEAD; (2) Direito/ PUC Minas; (3) Direito/UNA.

Pronome (flexões e contrações)	Exemplo da ocorrência⁸	Total de ocorrências nos três trabalhos
Isso	“O presente trabalho busca desenvolver os conceitos (...). Para isso foi utilizado o método dedutivo (...)”. (3)	35 ocorrências
Este	“O advogado (...). Todavia, quando este pratica (...)”. (1)	51 ocorrências
Esta	“Sabemos que só a Lei em si, não assegura a proteção, o respeito àqueles que tanto contribuíram em múltiplos aspectos para a sociedade. Esta população requer (...)”. (2)	63 ocorrências
Isto	-	0 ocorrência
Aquele	“O Brasil dispõe de uma larga legislação acerca das responsabilidades para com seus cidadãos idosos (...) por aqueles que deveriam (...)”. (2)	10 ocorrências
Aquela	“A expressão “causar” do artigo 186 deixa claro que só a responsabilização àquela conduta que deu causa ao resultado”. (3)	2 ocorrências
Aquilo	-	0 ocorrência

Elaboração da autora, 2018.

A Tabela 2 a seguir, por sua vez, revela o total de ocorrência de cada natureza dos pronomes demonstrativos:

Tabela 2: Natureza do pronome e total de ocorrências

Pronomes (flexões e contrações)	Total de ocorrência	Porcentagem⁹
Esse, essa, isso	116 ocorrências	47,93%
Este, esta, isto	114 ocorrências	47,10%
Aquele, aquela, aquilo	12 ocorrências	4,95%
Total	242 ocorrências	100%

Elaboração da autora, 2018.

⁹ Foram colocadas somente as duas primeiras casas decimais no cálculo da porcentagem.

Na escrita dos autores da área do Direito, observa-se que a diferença entre a quantidade de ocorrências entre o grupo <esse, essa, isso> e o conjunto <este, esta, isto> não é muito significativa. Isso pode ser percebido pela estatística: das 242 ocorrências de pronomes demonstrativos nessas monografias, 116 são do primeiro grupo, o que configura 47,93%. Com baixa diferença, encontram-se os pronomes da natureza <este, esta, isto>, que denotam 47,10%. Com poucos casos, 12 ocorrências, têm-se 4,95% do grupo <aquele, aquela, aquilo>. Chama-se a atenção aqui para o fato de não haver ocorrência dos pronomes demonstrativos classificados como neutros <isto, aquilo>, em oposição a 35 aparecimentos do também neutro <isso>.

Passa-se agora para a análise do tipo de referenciação feita, se foi anafórica ou catafórica. Nesse contexto, a tabela 3 apresenta em cada trabalho a quantidade de ocorrências do tipo anafórico e catafórico, juntamente com o total de pronomes encontrados em cada parágrafo.

Tabela 3: O uso anafórico e catafórico dos pronomes demonstrativos

Pronome (flexões e contrações)	Ocorrências	Trabalhos			Totais (1) + (2) + (3)
		(1)	(2)	(3)	
Esse, essa, isso	Catafórico	0	0	0	0
	Anafórico	65	24	24	113
	Total encontrado	68	24	24	116
Este, esta, isto	Catafórico	0	0	0	0
	Anafórico	2	71	32	105
	Total encontrado	3	71	40	114
Aquele, aquela, aquilo	Catafórico	0	7	4	11
	Anafórico	1	0	0	1
	Total encontrado	1	7	4	12

Elaboração da autora, 2018¹⁰.

Foram encontradas aqui ocorrências de pronomes com uso catafórico, porém sempre com o terceiro grupo <aquele, aquela, aquilo>, conforme mostra o exemplo abaixo:

¹⁰ * Foram encontradas 3 ocorrências do tipo: “que também vai ser tratada nesse presente artigo”. É interessante salientar aqui que, mesmo não sendo o uso que este trabalho buscou, há um desvio da norma quanto à utilização do pronome demonstrativo nesse caso, tendo em vista o correto seria “neste”, tendo em vista a proximidade espacial. Esse uso mostra a abrangência do fenômeno este/esse.

** Foi encontrada uma ocorrência do tipo “elaborar este estudo”, que não será contabilizada neste trabalho.

*** Foram encontradas 8 ocorrências do tipo “Objetivou-se neste trabalho (...)”, que não serão aqui contabilizadas.

(1) “Em suma, a doutrina concorda que **aquela** (pessoa física ou jurídica) que causar dano a outrem, deve repará-lo.” (3)

Chama-se atenção aqui ao fato de Neves (2011) afirmar que esse grupo de pronomes também tem seu uso variado entre retomar e apresentar termos no discurso.

Quanto aos usos anafóricos, observou-se que, apesar da pouca diferença ao predominar o primeiro grupo, não há distinção, de forma geral, de uso entre <esse, essa, isso> e <este, esta, isto>: os dados mostram que os autores dos textos acadêmicos têm utilizado ambos seja com função anafórica, indistintamente, ao longo de um mesmo trabalho. Como exemplo dessa situação, têm-se as seguintes sentenças:

(2) “(...) o questionamento sobre o que é a Litigância de Má-Fé. E como **esse** fenômeno vem ocorrendo na Justiça do Trabalho (...)”. (1)

Aqui, o pronome “esse” retoma o termo “Litigância de Má-fé”, juntamente com o hiperônimo “fenômeno”.

(3) “O advogado (...). Todavia, quando **este** pratica (...)”. (1) Aqui, o pronome “este” retoma o termo “o advogado”.

O interessante a se notar aqui é o fato de Bechara ter salientado que, quando se usa o pronome “esse”, ele normalmente vem seguido de outro nome, como “fenômeno”, no exemplo aqui dado, diferentemente da utilização do pronome “este”. A outra opção, em que não haja o SN, seria o informante dizer “isso”, opção menos utilizada;

Quando se analisa, porém, os trabalhos de forma individual, percebe-se que, na monografia (1), há predomínio da forma <esse, essa, isso>, enquanto o autor da monografia (2) tende a usar mais o conjunto <este, esta, isto>.

Os dados aqui levantados vão ao encontro do que Rocha Lima (2011) afirma, já que a diferença entre o uso dos pronomes no caso anafórico e no catafórico é pouco significativa. Ao se ter Bechara (2006) como fonte normativa, percebe-se uma não concordância, uma vez que, para o gramático, a preferência, ao se formar uma anáfora, é utilizar o grupo de <este>, indo contra o que foi constatado.

Cunha (1986), por sua vez, levanta outras questões: para ele, o grupo <esse, essa, isso> é usado unicamente como anafórico – afirmação que os dados aqui encontrados corroboram, tendo em vista que não foram encontrados usos desses pronomes como catafóricos. Ainda para Cunha (1986), quando há a escolha pelo grupo <este, esta, isto>, tem-se a possibilidade dos dois usos, o catafórico ou o anafórico. Os dados aqui apontam para essa tendência salientada por Cunha (1986).

4.2 Ocorrências dos pronomes demonstrativos nos trabalhos da Odontologia

A Tabela 4 a seguir expõe os pronomes demonstrativos que foram buscados encontrados nos trabalhos da área de Odontologia. Além disso, a tabela também mostra a soma das ocorrências de cada pronome nos três trabalhos¹¹.

Tabela 4: Separação dos dados quanto ao tipo do pronome no corpus total analisado

Pronome (flexões e contrações)	Exemplo da ocorrência ¹²	Total de ocorrências nos três trabalhos
Esse	“Tendo em vista a participação desse gene na patogênese, (...)” (1)	49 ocorrências
Essa	“Devido a essa semelhança, (...)” (1)	49 ocorrências
Isso	“(…) por isso há uma interrupção abrupta na síntese da cadeia.” (1)	19 ocorrências
Este	“(…) nos atendidos pela ONG SOS, este tipo de agressão era de 35,9%, (...)” (2)	56 ocorrências
Esta	“Diante desta realidade, o presente estudo (...)” (2)	21 ocorrências
Isto	“ Isto pode ser explicado por diferenças em técnicas de avaliação dos materiais (...)” (3)	2 ocorrências
Aquele	-	0 ocorrência
Aquela	“Após a leitura e análise de todas as publicações obtidas, foi definido o critério de escolha para composição da monografia. Foram utilizadas aquelas que apresentaram resultados validados por análises estatísticas (...)” (2)	1 ocorrência
Aquilo	-	0 ocorrência

Elaboração da autora, 2018.

A Tabela 5 a seguir, por sua vez, revela o total de ocorrência de cada natureza dos pronomes demonstrativos:

¹¹ O total de caracteres equivalente aos três trabalhos foi 133.266, sendo o trabalho (1) composto por 64,464 caracteres; o (2), por 52.211; e o (3), por 63581.

¹² Os números trazidos entre parênteses dizem respeito aos trabalhos analisados, sendo (1) Odontologia/ UFMG; (2) Odontologia/ UFMG; Odontologia/ UFMG. Belo Horizonte, 2015.

Tabela 5: Natureza do pronome e total de ocorrências

Pronomes (flexões e contrações)	Total de ocorrência	Porcentagem ¹³
Esse, essa, isso	117 ocorrências	59,39%
Este, esta, isto	79 ocorrências	40,10%
Aquele, aquela, aquilo	1 ocorrência	0,50%
Total	197 ocorrências	100%

Elaboração da autora, 2018.

Como pode ser observado, há uma tendência, de forma geral, no grupo dos informantes da área da Odontologia, de optar pelo grupo <esse, essa, isso> para elaborar a referência no texto produzido. Isso porque, das 197 ocorrências de pronomes demonstrativos nessas monografias, 117 são desse grupo, o que configura 59,39%, mais da metade dos casos. Em segundo plano, encontram-se os pronomes da natureza <este, esta, isto>, que denotam 40,10%. Por fim, com apenas uma ocorrência, na forma <aquelas>, tem-se 0,50% do grupo <aquele, aquela, aquilo>.

No que diz respeito ao uso dos pronomes, tendo em vista a noção anafórica e catafórica, a análise deve ser mais detalhada. Nesse sentido, a tabela 6 apresenta em cada trabalho a quantidade de ocorrências do tipo anafórico e catafórico, juntamente com o total de pronomes encontrados em cada parágrafo.

Tabela 6: O uso anafórico e catafórico dos pronomes demonstrativos

Pronome(flexões e contrações)	Uso pretendido	Trabalhos			Totais
		(1)	(2)	(3)	(1) + (2) + (3)
Esse, essa, isso	Catafórico	0	0	0	0
	Anafórico	56	49	12	117
	Total encontrado	56	49	12	117
Este, esta, isto	Catafórico	0	0	0	0
	Anafórico	24	2	40	68
	Total encontrado	34	3	42	79
Aquele, aquela, aquilo	Catafórico	0	0	0	0
	Anafórico	0	1	0	1

¹³ Foram colocadas somente as duas primeiras casas decimais no cálculo da porcentagem.

Pronome(flexões e contrações)	Uso pretendido	Trabalhos			Totais
	Total encontrado	0	1	0	1

Elaboração da autora, 2018¹⁴.

Apesar de não ter sido encontrada nenhuma formação catafórica nos trabalhos analisados, observou-se que não há distinção, de forma geral, de uso entre os pronomes do grupo <esse, essa, isso> e do conjunto <este, esta, isto> quando o uso é anafórico, apesar de haver preferência pelo primeiro. Como exemplo dessa situação, têm-se as seguintes sentenças:

(4) “Em 2006, uma lei específica foi sancionada, a Lei 11.340, que é conhecida popularmente, como Lei Maria da Penha. **Essa** visa coibir (...)”. (Trabalho 2)

Aqui, o pronome “essa” retoma o termo “Lei Maria da Penha”. Se se leva em consideração a gramática de Bechara (2006), esse uso é incorreto, tendo em vista a necessidade de um nome logo após o pronome para executar a referenciação. Esse dado, porém, aponta para uma recategorização dos demonstrativos neste estágio sincrônico da língua.

(5) “A invasão bacteriana da dentina ocorre de forma rápida, uma vez que a mesma é exposta ao ambiente da cavidade oral. Nas primeiras fases **desta** infecção, predominam-se bactérias Gram-positivas”. (Trabalho 3)

Aqui, o pronome “desta” retoma, juntamente com o hiperônimo *infecção*, o termo “invasão bacteriana da dentina”.

Quando se analisam, porém, os trabalhos, de forma individualizada, percebe-se que a monografia (3) utiliza mais o grupo <este, esta, isto> do que o <esse, essa, isso>.

Todos esses dados encontrados aqui confirmam o que Rocha Lima (2011) salienta, de que não há muito rigor na distinção dos dois grupos. Quando se relaciona o que foi encontrado nos dados com o que afirma Bechara (2006), percebe-se uma não concordância, uma vez que, para o gramático, a preferência, ao se formar uma anáfora, é utilizar o grupo de <este>, contradizendo o que foi obtido. Tendo Cunha (1986) como base, por sua vez, percebem-se outras questões: para o autor, o grupo <esse, essa, isso> é

¹⁴ *As 10 ocorrências não contabilizadas aqui dizem respeito ao uso do pronome demonstrativo no tempo e no espaço, conforme os respectivos exemplos: “*não poderia me esquecer também de meus colegas de laboratório que tanto me ensinaram nestes anos de convivência*” e “*o objetivo deste estudo foi (...)*”.

**Como no Trabalho (1), aqui também foi encontrada uma ocorrência do tipo “*dedico este trabalho a todas as pessoas (...)*”, que não entra na análise aqui proposta.

***No Trabalho (3), também foram encontradas 2 ocorrências do tipo “*este trabalho tem o objetivo de avaliar (...)*”. Esses três exemplos não foram analisados porque ultrapassam o escopo desta análise, porém demonstram uma variação em curso.

usado unicamente como anafórico – o que vai ao encontro dos dados encontrados aqui, uma vez que não se encontraram casos de catafórico para esses itens –; e, quando se analisa o grupo <este, esta, isto>, tem-se a possibilidade dos dois usos, o catafórico ou o anafórico. Logo, os dados aqui demonstram essa opção da utilização desse grupo para os usos anafóricos. Por fim, ao utilizar a gramática descritiva de Neves (2011) como base, tem-se que os três grupos de pronome podem acontecer em qualquer das duas funções, anafórica ou catafórica, corroborando com o foi encontrado nos dados aqui analisados.

4.3 Análise comparativa entre as duas áreas à luz da Sociolinguística

As variáveis selecionadas para se fazer a análise à luz da teoria sociolinguística foram nível de escolaridade, faixa etária e área do conhecimento. Tendo em vista que todos os informantes concordavam quanto às duas primeiras variáveis, torna-se importante verificar a terceira, as áreas do Direito e da Odontologia. A Tabela 7 a seguir mostra a quantidade dos pronomes demonstrativos utilizados em cada área:

Tabela 7: Comparação na quantidade de ocorrências entre as áreas Direito e Odontologia

Pronomes (flexões e contrações)	Direito	Odontologia	Total de ocorrências
Esse, essa, isso	116	117	233
Este, esta, isto	114	79	193
Aquele, aquela, aquilo	12	1	13

Elaboração da autora, 2018.

Como é possível ser observado, não houve uma diferença significativa quando se analisa o primeiro grupo dos pronomes <esse, essa, isso>. Porém, quando se investiga o segundo conjunto, é nítido que os informantes da área do Direito utilizaram mais esses pronomes do que os informantes do outro campo. O mesmo ocorre com o terceiro grupo, o dos pronomes <aquele, aquela, aquilo>.

A Tabela 8 abaixo exhibe, agora, as relações coesivas de anáfora e catáfora comparando as duas áreas analisadas:

Tabela 8: Comparação entre os usos anafóricos e catafóricos nas duas áreas

Pronome (flexões e contrações)	Ocorrências	Direito	Odontologia
Esse, essa, isso	Catafórico	0	0
	Anafórico	113 (97,41%)	117 (100%)
	Total encontrado	116	117
Este, esta, isto	Catafórico	0	0
	Anafórico	105 (92,10%)	68 (86,07%)
	Total encontrado	114	79
Aquele, aquela, aquilo	Catafórico	11 (91,67%)	0
	Anafórico	1 (8,33%)	1(100%)
	Total encontrado	12	1

Elaboração da autora, 2018.

Os dados mostram que, apesar de pouco significativa, há uma preferência, na área do Direito, em utilizar os pronomes do segundo grupo <este, esta, isto> como anafóricos, enquanto que a área da Odontologia recorre mais aos elementos do primeiro grupo. Além disso, é possível constatar também que os informantes do Direito elaboraram catáfora, enquanto os autores da Odontologia não.

5 CONTRIBUIÇÃO DOS RESULTADOS À ÁREA DA REVISÃO DE TEXTO

Nas duas áreas aqui pesquisadas e nos três trabalhos de cada área, observou-se que não há um consenso sobre qual grupo de pronome utilizar para se elaborarem referências catafóricas ou anafóricas. Foram encontradas ocorrências das duas formas concomitantemente, e sem distinção de caso, como a opção de retomar com a forma <esse> + nome, ou com <este> sem nome, conforme afirma Cunha (1986).

Nessa perspectiva, é importante pensar sobre o posicionamento que um profissional de Revisão de Texto deve ter ao revisar e alterar as escolhas do autor, tendo em vista a não alteração da identidade do escritor e a não prescrição de uma norma que, conforme visto ao comparar os gramáticos, não existe. Dessa forma, torna-se imprescindível que o revisor estabeleça uma gramática normativa a ser seguida e verifique, antes de corrigir, qual a tendência de uso dos pronomes em cada área do conhecimento, a fim de que haja a revisão adequada. Confirmada essa propensão, o profissional terá mais liberdade para estabelecer um padrão no trabalho revisado, tendo em vista a homogeneização de uso dos pronomes demonstrativos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi verificar a tendência de uso dos pronomes demonstrativos em duas áreas do conhecimento, a do Direito e a da Odontologia. Tendo em vista que não há um consenso entre os gramáticos normativos sobre a prescrição das regras para utilizar esses elementos, é preciso refletir sobre o posicionamento do Revisor de Texto ao se deparar com a mistura de referência feita por meio dos pronomes <esse, essa, isso>, <este, esta, isto> e <aquela, aquilo>. Para tanto, valeu-se de noções da Sociolinguística, uma vez que é amplamente aceito que toda língua natural varia e, eventualmente, muda; e que fatores externos influenciam no uso que se faz da língua.

Nesse contexto, foram selecionadas 3 variáveis: o nível de escolaridade e a faixa etária eram os mesmos para os dois tipos de informantes, superior completo e 25 a 35 anos, respectivamente. O que se alterava é a área do conhecimento à qual pertenciam os informantes, sendo Direito e Odontologia as escolhidas. Como hipótese, havia sido levantada a ideia de que há uma preferência pelo uso dos pronomes do segundo grupo <este, esta, isto>, o que não foi confirmado em nenhuma das áreas, tendo em vista que os informantes variaram no uso dos dois grupos, com uma diferença pouco significativa. Assim, o que se pode afirmar é que há uma tendência, nas duas áreas, de mesclar o uso dos dois grupos para elaborar anáforas, conforme salienta Neves (2011). Isso aponta para uma variação que tem provocado neutralização da distinção do uso dos demonstrativos, com ampliação do escopo do pronome “deste” (e flexões), que passa a assumir tanto usos catafóricos quanto anafóricos no discurso.

Dessa forma, para se confirmar a ideia de que a diversidade no uso dos pronomes demonstrativos configura-se como indício de variação linguística, é preciso fazer uma pesquisa mais aprofundada, com mais variáveis, com um *corpus* mais abrangente. Assim, uma possível contribuição dos estudos da Sociolinguística se tornaria mais clara, para que a ideia de identidade linguística para cada área fosse fundamentada.

Por fim, faz-se necessário salientar que, tendo em vista que o campo da Revisão de Texto trabalha com a gramática normativa, é importante que se tenha um consenso ao lidar com esse aspecto linguístico. Novas pesquisas sobre o assunto, na linha da teoria sociolinguística, poderiam facilitar o trabalho desse profissional, evidenciando o que, em termos de norma padrão, se mantém relevante distinguir e em que situações um novo padrão de uso (já que se trata da escrita de falantes escolarizados, num registro monitorado) se faz notar.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 38º edição. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Feriame, 1986.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Fernando Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- COAN, M. FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **DOMÍNIOS DE LINGU@GEM. Revista Eletrônica de Linguística**. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Volume 4, - nº 2 \u2013 2º Semestre 2010 - ISSN 1980-5799. Acesso em: 10 jul. 2018.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. [1972].
- NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.